

## NARRATIVAS POPULARES: CONTADORES DE HISTÓRIAS E O SABER DA EXPERIÊNCIA AINDA POSSÍVEL

**PINHEIRO, Cristiano Guedes<sup>1</sup>; BUSSOLETTI, Denise Marcos<sup>2</sup>; SILVA, Everton Lessa da<sup>3</sup>; BRAZ, Eliana Peter<sup>4</sup>; SCHNEIDER, Daniela da Cruz<sup>5</sup>.**

<sup>1</sup> Aluno Especial do PPGE – Faculdade de Educação - UFPel; Aluno do Bacharelado em Antropologia Social – Instituto de Ciências Humanas - UFPel. [cgptapes@gmail.com](mailto:cgptapes@gmail.com)

<sup>2</sup> Profª Drª em Psicologia – Faculdade de Educação - UFPel. [denisebussoletti@gmail.com](mailto:denisebussoletti@gmail.com)

<sup>3</sup> Aluno do curso de História – Instituto de Ciências Humanas - UFPel. [lessa-ton@bol.com.br](mailto:lessa-ton@bol.com.br)

<sup>4</sup> Aluna Especial do PPGE – Faculdade de Educação - UFPel. [braz.eliana@gmail.com](mailto:braz.eliana@gmail.com)

<sup>5</sup> Aluna do curso de Especialização em Educação e Aluna Especial do PPGE – Faculdade de Educação - UFPel; Aluna Especial do curso de Especialização em Artes Visuais – Instituto de Artes e Design - UFPel. [danic\\_schneider@yahoo.com.br](mailto:danic_schneider@yahoo.com.br)

**Orientadora: BUSSOLETTI, Denise Marcos**  
Universidade Federal de Pelotas - UFPel

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido apresenta algumas das atividades de pesquisa e intervenção que levaram à constituição do *Fórum Internacional de Contadores de Histórias* (FICH), realizado em Pelotas no Rio Grande do Sul, em setembro e outubro de 2009.

O FICH surge com o objetivo de construir um espaço de valorização e reconhecimento da cultura popular através da história oral, com isso, contribuindo para a permanência da memória e o fortalecimento de identidades. O FICH, que teve sua primeira edição em outubro de 2009, reuniu representantes de movimentos e grupos populares do Brasil e do Uruguai para contarem suas histórias e vivências cotidianas. A valorização e o reconhecimento daquilo que entendemos como cultura popular, se materializou na metodologia que primou pela contação de histórias como ponto focal do encontro. A partir dessa primeira experiência, pretende-se que o Fórum se consolide como esse lugar, de e para, a cultura popular. A periodicidade anual do evento prevê para dezembro de 2010 o segundo encontro do FICH.

Desde a preparação e a realização do *1º Fórum de Contadores de Histórias*, passamos por um longo aprendizado, no qual, o fortalecimento e a consolidação do evento (como um projeto permanente de valorização da cultura popular a partir da história oral) é mais do que uma possibilidade, é uma realidade efetiva e um desafio em perspectiva. Essa é parte da trajetória inicial do FICH que revela e potencializa uma das funções que dignifica o espaço acadêmico enquanto lugar de expressão e valorização de diferentes culturas.

Segundo Pollak, “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva [...]” (1992, p. 5). Nossa proposta insere-se num tratamento específico da memória na sua relação com a identidade, elegendo as narrativas populares como foco para a valorização e (re)afirmação das culturas populares .

Desde suas origens esse projeto se coloca como tarefa dar um tratamento à memória e à cultura oral, numa atenção específica à possibilidade de recuperação da dimensão ética que a relação de alteridade implica, numa contraposição explícita a toda e qualquer forma de “epistemicídio”, tal como Boaventura Santos postula e na direção da construção através da tradição oral das culturas populares oportunizando conhecimentos alternativos aos que a modernidade capitalista engendrou como cenário denominado e falseado como única “realidade” possível. Concluimos com o autor, que o “epistemicídio” é (ao lado, porém mais vasto que o genocídio) o grande crime contra a humanidade, ou ainda que:

Para além do sofrimento e da devastação indizíveis que produziu nos povos, nos grupos e nas práticas sociais que fora por ele (epistemicídio) alvejados, significou um empobrecimento irreversível do horizonte e das possibilidades de conhecimento. Se hoje se instala um sentimento de bloqueamento pela ausência de alternativas globais ao modo como a sociedade está organizada, é porque durante séculos, sobretudo depois que a modernidade se reduziu à modernidade capitalista, se procedeu à liquidação sistemática das alternativas, quando elas, tanto no plano epistemológico, como no plano prático, não se compatibilizaram com as práticas hegemônicas (SANTOS, 2001, p. 329).

Podemos considerar também o fato de que a oralidade e os conhecimentos tidos como tradicionais têm sido tomados como expressões fundamentais na identificação cultural dos povos (PELEGRINI & FUNARI, 2008, pp. 54-55), principalmente da cultura popular, que tem na tradição oral, a acumulação capital de suas criações sócio-culturais. Vários são os pensadores, que ao longo do último século, perceberam a importância e validade dos conhecimentos produzidos através da história oral. Walter Benjamin, em seu texto O Narrador, de 1936, destacava a importância da figura do narrador, do indivíduo forjado na experiência e que domina a arte da oralidade e alertava para o fato de que a experiência de narrar está em vias de extinção. A arte de “saber narrar” está ameaçada e com ela a “faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, pp. 197-198).

Michael Pollak é bastante enfático sobre a crítica que se fazia à história oral como método historiográfico. Para o autor:

[...] não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (1992, p. 8).

Outro pensador, que deu grande importância para a história oral, foi o escritor africano Joseph Ki-Zerbo, uma vez que, segundo ele: “a tradição oral não é apenas uma fonte que se aceita por falta de outra melhor e à qual nos resignamos por desespero de causa. É uma fonte integral, cuja metodologia já se encontra bem estabelecida [...]”. Ainda, segundo Ki-Zerbo: “Seus guardiões são os velhos de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura” (1982, p. 27-31).

Dessa forma, podemos afirmar a importância da oralidade como fonte e manifestação das identidades das culturas populares, suas crenças, valores e sua história que ao ser narrada ao sabor da experiência, é contada e re-contada e desta forma conservada enquanto resistência, enquanto experiência de transformação ainda possível.

## 2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

As atividades de pesquisa e intervenção do Fórum se desenvolveram em dois momentos. No primeiro, o qual tratamos como um prólogo para o evento, realizamos um Seminário que nominamos de *Contadores de Histórias: Contribuições da Cultura Afro-Brasileira no Imaginário da Cidade*. O segundo momento foi o Fórum propriamente dito, o qual nominamos de *Contadores de Histórias: Contadores e Contra-dores*.

O Seminário ocorreu entre os dias 23 e 24 de setembro de 2009, no Instituto João Simões Lopes Neto e pretendeu antecipar um dos temas do Fórum – a importância da cultura negra no imaginário da cidade. Durante esses dois dias, diversos debatedores discutiram com o público, como a música, a religião, a luta e a resistência negra contribuíram para a construção identitária da cidade de Pelotas. Mais que exposições de pesquisas ou debates teóricos, que obviamente ocorreram, o que presenciamos, foram contações ou diferentes narrativas de como a música, a religião, a luta e a resistência, contribuíram para uma construção identitária da cidade revelada no ideário coletivo.

Já o Fórum realizou-se entre os dias 15 e 16 de outubro de 2009, na antiga fábrica de Fiação e Tecidos, no Porto, em Pelotas/RS, local que por si só contextualiza parte da memória da cidade nem sempre vista, a memória dos trabalhadores, como um dos personagens do palco da história dos excluídos. O evento reuniu durante dois dias representantes de movimentos e grupos populares (velhos, crianças, catadores, mulheres, negros, foliões, carnavalescos e movimentos camponeses, entre outros) do Brasil e do Uruguai. Esses narradores não eram os representantes oficiais, as lideranças ou representantes acadêmicos. Eram pessoas comuns, pertencentes às bases dos movimentos ou grupos populares que acataram o convite e se abriram à experiência de buscar contar a sua história.

Os narradores-contadores foram divididos em três rodas de contos: **Roda das Mulheres**, a **Roda da Terra** e a **Roda do Carnaval**, conforme a identificação do contador e de sua história com a Roda específica. Nas Rodas, literalmente organizadas nesse formato, contadores e ouvintes, se acomodavam e após a contação, havia uma intensa troca de experiências-ideias estabelecendo um fluxo narrativo único. Importante salientar, que os contadores tinham total liberdade de narrar suas histórias; naquele momento, o que interessava ao Fórum eram as histórias contadas, as quais permitiram a valorização desse instrumento de expressão da cultura popular e da permanência da memória. Todo esse material empírico foi registrado e encontra-se em fase de análise e sistematização.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O evento buscou se construir, através de sua dinâmica e objetivos, como um espaço de diálogo entre as diferentes formas de conhecimento, especificamente os produzidos pela universidade e aqueles reconhecidamente populares. O hiato normalmente conferido, pelo discurso dominante, que estabelece a existência de uma separação entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento socialmente produzido foi nesse espaço e tempo experimentado como um exercício de contestação, de insubmissão ativa, que através da arte e da oralidade esboçavam outros contornos como possíveis.

Pela metodologia proposta, esta tensão não só foi reconhecida como de forma alguma negada, no entanto, todos os esforços se pautaram no sentido de oferecer as condições de possibilidade, reais e concretas, de vivência de outras práticas discursivas passíveis de serem construídas e ou reconhecidas como legítimas.

Uma outra ética e uma outra estética foram identificadas através do exercício da fala e da escuta ativa e que pelas “rodas de contação de histórias” são matrizes de significação discursiva revistas, reafirmadas e ou preteridas. Assim como também se reforça no contexto de espaço acadêmico um processo de educação dos sentidos no qual outras linguagens, pelas performances realizadas, vão conferindo a urgência vital e necessária do processo criativo diante das rotinas avassaladoras que promovem, muitas vezes, a produção de conhecimentos como repetição destituída de significação produtiva .

#### 4. CONCLUSÕES

O *Fórum de Contadores de Histórias* se revelou não só como um grande evento mas como um lugar fundamental para a realização de um projeto permanente de investigação e de valorização da cultura popular, a partir da história oral e através das narrativas populares. Essa parte da trajetória inicial do *Fórum Internacional de Contadores de Histórias* demonstra e potencializa uma das funções que dignifica o espaço acadêmico enquanto lugar de expressão e valorização da diversidade cultural significativa.

Pela troca e pela experiência de intercâmbio entre estes “locais da cultura”(BHABHA,1998) segue a proposta de dar continuidade a essa contação de histórias e a construção desse espaço de saber através da experiência ainda possível. Um espaço em que ouvintes e narradores sejam protagonistas de uma história *Outra*, polifonicamente estabelecida e pela pesquisa e pela intervenção também apreendidas como desafios em perspectiva.

#### 5. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *O Narrador. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; Vol.I).

BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

KI-ZERBO, J. *Introdução geral*. vol. 1, p. 21-42. In: UNESCO. *História geral da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1982. 8 volumes.

PELEGRINI, C.A.; FUNARI, P.P.A. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SANTOS. B. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.